

CINE CLUBE, BIBLIOTECA, FCT/UNL, 15 MAIO 2012

Dr. Estranho Amor [*Doctor Strangelove or: How I learned to Stop Worrying and Love the Bomb*] de Stanley Kubrick (1964)

<p>PORTAIS EM TORNO DO REALIZADOR:</p> <ul style="list-style-type: none"> • The Kubrick Site: http://www.visual-memov.co.uk/amk/ • http://www.indelibleinc.com/kubrick/ • http://pt.wikipedia.org/wiki/Stanley_Kubrick • http://en.wikipedia.org/wiki/Stanley_Kubrick 	<p>PORTAIS EM TORNO DO FILME:</p> <ul style="list-style-type: none"> • http://en.wikipedia.org/wiki/Dr._Strangelove • http://pt.wikipedia.org/wiki/Dr._Strangelove_or:_How_I_Learned_to_Stop_Worrying_and_Love_the_Bomb • http://www.indelibleinc.com/kubrick/films/strangelove/ • http://www.imdb.com/find?q=%20dr.%20strangelove%20or:%20How%20I%20Learned%20to%20Stop%20Worrying%20and%20Love%20the%20Bomb;s=tt • http://www.visual-memov.co.uk/amk/doc/0055.html (transcrição do filme, em inglês) • http://www.moviediva.com/MD_root/reviewpages/MDDrStrangelove.htm • http://www.isegoria.net/2010/10/the-genesis-of-dr-strangelove/ • http://www.airforce-magazine.com/MagazineArchive/Pages/1960/December%201960/1260meteors.aspx (um artigo escrito pelo recipiente do Prémio Nobel de Economia Thomas Schelling, e responsável por pôr Kubrick em contacto com Peter George, de origem britânica, autor do <i>thriller</i> intitulado <i>Red Alert</i>) (tema: guerra nuclear no contexto da Guerra Fria)
---	--

«Amor é fogo que arde sem se ver»: sexo, humor e bombas em *Dr. Estranho Amor* [*Doctor Strangelove or: How I learned to Stop Worrying and Love the Bomb*]»

Abordar a obra do realizador Stanley Kubrick (Nova Iorque, 1928- Hertfordshire, RU, 1999) acarreta múltiplos desafios, entre os quais a história complexa da sua filmografia, a memória cinematográfica que os seus filmes encerram (uma imagem com o cunho de Kubrick pertence ao léxico de imagens da história do cinema bem como ao universo e ideário específicos do realizador). *Na obra de Kubrick, ver é um acto culminante e, em simultâneo, inovador; os seus filmes são memória e invenção; as suas narrativas, uma força gravítica imagética absoluta.* As suas imagens são uma *memória essencial*; são, para citar as palavras de Béla Balász (embora noutra contexto), “semáforos da alma”. Daí que, ao escolher uma obra de ficção (género: *thriller*) de Peter George, intitulada *Red Alert*, também conhecida como *Two Hours to Doom*, após a leitura de um artigo (que se refere a esta ficção) sobre a guerra nuclear no contexto da Guerra Fria (estamos, bem entendido, nos anos 60s do século vinte), por sua vez escrito pelo futuro Prémio Nobel de Economia Thomas Schelling, em que se aborda a questão do desencadear accidental de uma guerra atómica entre a União Soviética e os EUA (veja-se desde já a história intrincada deste filme), Kubrick vai transformar um *thriller* numa comédia negra, ou sátira política, cuja premissa é: a história do mundo inscreve-se, *não num lapso de racionalidade*, mas, antes, e de acordo com a lógica de uma modernidade mais formal do que participativa, mais opacamente sistematizadora do que transparentemente reflectida, mais alvo de interesses nos bastidores do que um fórum aberto, *na sua aplicação ultra-racionalizante*. O fim do mundo conjugará, segundo esta ESTRANHA lógica – que, contudo, se generalizou – o cálculo e a previsão com o absurdo e a demência. Assim, o *thriller* transforma-se em sátira (um género mais próximo desse estado “semáforo” da nossa realidade); a linguagem da cultura da bomba – como a linguagem *Nadsat* dos adolescentes maléficos de *Laranja mecânica* (1971) – é mais sintoma de uma patologia inerente à ordem social (= a instrumentalização do ser humano pelo poder político, pela ciência e por todas as instâncias disciplinadoras da sociedade) do que expressão de uma comunidade humana deveras viável. Com efeito, *transformamos a nossa história colectiva em demência organizada*. Assim, a *hilarante unidimensionalidade* das personagens deste filme, com todas as suas consequências cómicas, é *directamente proporcional à inteligência deformada que lhes preside*. As palavras, a razão, a coreografia do sexo e do desejo (veja-se como *Eros* é militarizado/transformado em ogivas neste filme) culminam numa cultura que conjugou a racionalidade com o absurdo. O fim do mundo revela-se na penúltima imagem do filme: uma ogiva nuclear montada qual touro enraivecido num *rodeo* apocalíptico pelo actor texano Sam Pickens a descer dos céus, poucos instantes antes da deflagração nuclear final. Amamos a destruição, ao que parece. Portanto, faremos da história do mundo um ESTRANHO AMOR: com partitura de bombas e um grito demente. «Amor é fogo que arde e que, neste filme, por fim, se vê.»

